

“O INCONSCIENTE É BALTIMORE, AO AMANHECER”¹

Márcia Rosa²
UFMG - EPB

RESUMO

Este artigo discute uma definição do inconsciente, proposta por Jacques Lacan em 1966, e comenta o retorno à poética nas publicações contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE

inconsciente, Lacan, retorno à poética

“Quando preparava esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque ainda não era dia e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança do tempo; (...) tudo que podia ver, (...) era o resultado de pensamentos, (...) nos quais a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. Em qualquer caso, o dito *Dasein*, como definição do sujeito, se encontrava lá preferencialmente nesse espectador intermitente ou em desvanecimento. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer.”³

Lá pelos idos de 1966, em uma cidade portuária de nome Baltimore (na qual morreu o poeta americano Edgar Allan Poe e que acabará sendo palco das divergências entre Derrida e Lacan, a propósito do pós-estruturalismo), Lacan enunciou, poeticamente: “o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer”. Aberto o debate, não faltou quem evocasse o sonhador proustiano e o seu despertar marcado por um sentimento de perda e por uma ausência de si mesmo. Ao acolher as intervenções, Lacan concordou que Proust se aproximou muito do inconsciente, e lembrou que ele voltou sempre ao seu *affaire*, que era a Literatura, e ao “seu fabuloso empreendimento do tempo reencontrado”.

¹ Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 6/9/2003, na mesa redonda *Literatura e psicose*.

² Doutoranda na Pós-Graduação em Literatura Comparada da UFMG, psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

³ LACAN. O discurso de Baltimore, p.175.

Se o recurso à poética possibilitou ao psicanalista afastar o estorvo que representavam os preconceitos contra o estruturalismo em meados dos anos 60, como ler o retorno à poética nos debates e produções psicanalíticas contemporâneas? Uma “definição poética do inconsciente”, uma “poética pulsional”, uma “heresia poética” são termos que se encontram nas discussões e publicações atuais sobre uma possível “estetização do sintoma” ao final do percurso de uma análise.

Onde estariam, na nossa contemporaneidade, os estorvos que convocam um retorno à força da letra? Nas nossas classificações? Essa é a hipótese que o tema desta mesa, *Literatura e psicose*, convida-me a considerar.

1 - A ESTRUTURA E O ACASO

Em texto recente, intitulado “Cidades psicanalíticas”,⁴ Éric Laurent indica que a metáfora da cidade, como “posta em ato do texto inconsciente”, está presente desde a *Traumdeutung* até o *Mal-estar na civilização*. Na marca da forma perdida e nas ruínas arqueológicas, Freud encontrou um modo de apresentar o inconsciente como um sistema organizado, que comporta um silêncio, “uma reserva, um branco, uma margem de onde o texto poderia ser decifrado”. Com a sua definição poética do inconsciente, Lacan se inscreve nessa perspectiva freudiana da referência à cidade, no entanto ele elege uma cidade do Novo Mundo, ausente da cartografia clássica da Psicanálise, e acentua a sua relação com um tempo de menor profundidade, um tempo de superfície. Em vista disso, “a estratificação do tempo que revela o discurso arqueológico é substituída pela estratificação lógica que opera a estrutura”, conclui Laurent.

Antes mesmo do amanhecer de Baltimore, Lacan se interrogara, em seu seminário sobre as psicoses, sobre o sentido deste ser que é “a paz do anoitecer”, prosopopéia para a qual encontrara inspiração em um hino de Nietzsche, “Antes do nascer do sol”. Incluído entre os escritos de *Assim falou Zaratustra*,⁵ este hino afirma ser uma benção – e não uma maldição – o ensinamento de que sobre as coisas estão o Acaso, a Inocência, a Eventualidade e a Desenvoltura celestiais. A liberdade e serenidade celestiais, que pousam sobre o mundo, como uma campânula de azul, são índices de que as coisas não estão predeterminadas pelo querer de “nenhuma vontade eterna.”

No amanhecer nietzschiano, o despertar surge precisamente quando o sujeito invoca ao Céu que seja “uma pista de dança para acasos divinos”, “uma mesa de deuses para divinos dados e jogadores de dados!”. Com tal invocação, abre-se a dimensão de enigma do desejo (ou da vontade) do Outro:

“Mas tu coras? Pronunciei o impronunciável? Amaldiçoei, ao querer abençoar-te?”.
Ou é a vergonha de estar a dois que te fez corar? – [...]
Ó céu sobre mim, tu que és pudico! Tu que és ardoroso! Ó tu que és minha felicidade antes do nascer do sol! O dia vem: apartemo-nos então!”⁶

⁴ LAURENT. Cidades psicanalíticas. (Circulação digital).

⁵ Lacan diz tê-lo encontrado em FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia, p. 75.

⁶ NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e ninguém*, p.245-246.

Leitor de Schreber, Lacan assinala que a ordem da linguagem manifesta-se de modo específico, para o sujeito psicótico, a cada vez que ele se vê diante da possibilidade de descansar do seu fatigante trabalho de completar os espaços que o Outro deixou vazios. Nesses momentos, em que ele se depara com o campo enigmático do Outro, e um intervalo se apresenta, há “uma iluminação em franja do mundo exterior” e a linguagem pode apresentar-se em sua função vocal absolutamente a-significante: uivos, gritos de socorro, ruídos, latidos, relinchos etc.

Tal como na prosopopéia “a paz no anoitecer”, no hino de Nietzsche, o dia surge sob um fundo que não é exatamente a noite, mas a possibilidade de sua ausência, comenta o psicanalista. Ele implica a alternância fundamental, presença e ausência. Portanto, amanhecer e anoitecer são códigos lingüísticos e se apresentam como seres de linguagem, mas podem também surgir como fenômenos naturais e “desembocar em alguma coisa além da significação, isto é, sobre o significante no real”, como costuma ocorrer na psicose.

2 - O ESPÍRITO CIENTÍFICO E A LETRA

Entre esse anoitecer que pacifica e esse inconsciente que amanhece, deparamo-nos com a escritura-desassossego trazida por Fernando Pessoa-Bernardo Soares. Seria Pessoa-Soares capaz de experimentar paz, ao anoitecer?

As respostas são diversas. Vou me ater a duas delas. Em uma publicação recente, a psicanalista Colette Soler dedica um longo ensaio a “Pessoa, a esfinge”. Já no título do seu livro, ela indica sua posição: *A aventura literária ou a psicose inspirada – Rousseau, Joyce, Pessoa (2001)*.⁷

Embora admita que todo eu cobre o vazio do sujeito, Soler assinala que ele só aparece postigo, inexistente, disperso, “lá onde falta a ancoragem numa fantasia que prende o sujeito em um modo de gozo fixo”. Nesse sentido, a poética pessoana testemunharia sempre essa inconsistência, tanto do eu quanto do outro: tudo é “como se”; os objetos permanecem no estado de sombras, a natureza é “luz, reflexos, imagens que passam e que se perdem, assediadas por vagas reminiscências”. O fogo do erotismo, o labor humano, as paixões comuns, mais do que ausentes, estão rejeitados. A mulher, pedra no caminho, permanece aí no estatuto de silhueta, gravura, figura sem qualquer espessura. Da própria Lisboa – seu único amor –, o escritor “só retém os reflexos mais instáveis, mais fugazes: cores, reflexos de luzes, ressonâncias, nuvens que deslizam, o rio que passa”.

Frente a isso, ela retoma algumas indicações fugidias nas quais Lacan distinguiu os sujeitos que padecem da mentalidade e aqueles que padecem do Outro. Os primeiros sofrem da aparência, do semblante, como aquele sujeito feminino que queria “viver como um vestido”, por não ter “a menor idéia de que corpo colocar sob ele” –, não havia ninguém para habitar aquela vestimenta. As identificações não haviam levado à cristalização de nenhum “eu”, nenhuma pessoa – ninguém. Não havia aí “significante-mestre, nada que

⁷ SOLER, Colette. Pessoa, le sphinx. *L'aventure littéraire ou la psychose inspirée – Rousseau, Joyce, Pessoa*. Paris: Editions du Champ Lacanien, 2001. (Artigo traduzido para o português por Manuel Barros da Mota e publicado em *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997, p. 253-265).

viesses dar lastro ao sujeito com alguma substância”.⁸ De acordo com Soler, tal seria o caso do escritor português, “uma mentalidade desativada das pulsões”. E a letra não chegaria a “suturar o vazio enigmático instalado no coração do ser”, nem a acalmar a dor de existir

Quando a face dos semblantes vacila, evidenciam-se os padecimentos do campo do Outro, que deixam Pessoa entre o enigma e a certeza, à espreita da iluminação resolutive. Para a psicanalista francesa, o esoterismo, a teosofia, a suposta mediunidade, o messianismo ocorrem no intervalo entre enigma e certeza, entre mistério e revelação. Todavia, o messianismo transforma em certeza “o enigma devastador do não-sentido” e faz emergir a aparição antes anunciada: o “Supra-Camões”, o super-homem (do *Ultimatum futurista*, de Álvaro de Campos), e, por fim, o rei Dom Sebastião encarnado: “é isso o que dá seu sentido à vida-obra de Pessoa. Foi ‘isso’ que o orientou, permitiu-lhe existir”. Reencarnação de um rei morto, o escritor se inventa uma linhagem de suplência, utilizando os mitos da Pátria. Essa certeza traz o Um de uma identidade reencontrada... e heróica, fazendo limite à deriva pluralizante da heteronímia.

Já o psicanalista e escritor português José Martinho, em seu livro *Pessoa e a Psicanálise*, de publicação também recente (2001), conclui que “Pessoa não foi psicótico, teve a lucidez de se saber um louco que não precisou do asilo”. Martinho opera com uma distinção entre psicose e loucura, calcada, no caso da psicose, na forclusão do Nome-do-Pai e, no caso da loucura, na forclusão generalizada. Nos seus termos:

“se toda a gente delira por não poder fazer Um com o Outro, há os que são iludidos pelo *complexo de Édipo*, e os que não se deixam enganar pelos simulacros. Pessoa acabou por fazer parte destes últimos, dos que sabem que o Outro sexo é um sintoma...”⁹

Ao assinalar a impossibilidade de abordar a estrutura da heteronímia, mas não apenas ela, ao nível dos quadros clínicos usuais,¹⁰ é com a noção lacaniana de *sinthoma*, com th, que Martinho encontra os meios para abordar a função suplementar que a Literatura tem para Pessoa.

Para o psicanalista português, se Pessoa não é simplesmente um “pavor sem nome”, mas toda uma Literatura, isso ocorre exatamente graças ao fato de que o pai morto se apresenta radicalmente como um Nome. Nesse sentido, Alberto Caeiro, como os outros heterônimos, seria um Nome-do-Pai. Ele permite perceber que “o nome do pai é plural, que todo o significante é um simulacro, e a paternidade um utensílio que se pode deitar fora depois de usado”. No entanto, continua ele, a identificação com a mãe que dá à luz, identificação que impulsiona o gênio criativo, tem a contrapartida de despertar sintomas que se assemelham à psicose.¹¹

O *sinthoma* é uma modalidade de atar os diferentes registros da realidade psíquica: Real, Simbólico e Imaginário. Conforme Lacan, eles podem estar desligados entre si, e o

⁸ MILLER. *Enseñanzas de la presentación de enfermos. Ornicar?*, p. 60-68.

⁹ MARTINHO. *Pessoa e a psicanálise*, p. 67-68.

¹⁰ MARTINHO. O sintoma de Pessoa, p. 124-129.

¹¹ MARTINHO. Lacan com Pessoa.

sinthoma só é identificável como tal quando ele e os três anéis conseguem se atar em um nó a quatro, que aperta um vazio central denominado *objeto a*. É preciso saber, comenta Martinho, que “o quarto nó pode falhar uma ou mais vezes, razão pela qual deve ser incessantemente reatado”. Depois da morte do Mestre Caeiro (presença de um S_1), a teosofia, o hermetismo, a cabala, a numerologia, os rituais rosacruceanos, o esoterismo etc. seriam tentativas falhadas de enlaçar o nó, conclui ele. Se o sentido pode ser tomado na acepção de orientação, o fracasso nessas tentativas de amarrar o nó do *sinthoma* deixaria à mostra a desorientação de Pessoa.

Nesse contexto, o nó mais bem atado de todos seria o *Livro do Desassossego*. Bernardo Soares seria, portanto, o grau zero das figuras pessoanas, “o nada em que se engata o núcleo inscritível do gozo do *sinthoma*”. Quando se pára de fingir, de ser poeta, resta um vazio ontológico, “Só ares”, que o escritor entrega à imaginação. Presença de uma solidão radical, esse vazio toma consistência no campo das letras; coincide com o corpo da palavra, da letra e faz da escritura uma satisfação mais literal do que propriamente literária.¹² L do D., *Livro do desassossego*: “o título faz do *Livro* o S_1 ou o ponto de reunião do que não cessa de se escrever; e, do desassossego, o afeto provocado pelas ondas da letra (a),” finaliza o psicanalista português.

3 - UMA ESTÉTICA DO SINTOMA

Um breve comentário nos leva a indagar: seria de fato necessário introduzir o espírito científico nas coisas do amor... do amor à língua? A meu ver, a arte introduz o campo do gosto, da fruição. Há um *pathos* em jogo! Nesse sentido, pode-se interrogar: de que modo uma escritura e um escritor nos afetam? Em que pese a fineza das duas leituras clínicas e o toque pessoal com o qual elas apresentam o escritor e sua escritura – Soler, sem deixar de estar tocada pelo estilo plástico, abstracionista do texto de Pessoa, e Martinho, resgatando aí a força da letra –, resta a impressão de que o escritor, tal como a noiva de Marcel Duchamp, acaba sendo desnudado pelos seus celibatários.

Ao comentar o título dado pelo artista plástico a uma de suas obras, “A noiva despida por seus celibatários, mesmo”, Octavio Paz observa como ele marca a existência de uma separação infranqueável, uma vez que, posta em parceria não com um noivo, mas com os celibatários, a noiva não seria jamais desposada.¹³ Ou, diríamos, mesmo que fosse desposada, algo restaria desemparelhado, ímpar. Do mesmo modo, entre o escritor e seus comentaristas (críticos ou clínicos) restará sempre algo inapreensível, em termos puramente conceituais.

O indecível seria, a meu ver, o melhor modo (ou método) de tratar a escritura e a temática de Fernando Pessoa. Qualquer afirmação muito definida, ou definitiva, parece desconhecer a indecidibilidade como marca registrada da poética e do sujeito pessoanos. Nesse sentido, tal como se diz da mulher e da verdade, poder-se-ia afirmar que os escritores são loucos, não todos; eles são não-todo loucos.

¹² MARTINHO. *Pessoa e a Psicanálise*, p. 74-81.

¹³ PAZ. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*, p. 31-33.

Para concluir, é interessante lembrar o último ensino de Lacan no qual o sintoma, como disfunção, cede lugar ao *sinthoma* como modo de atar e desatar as cadeias significantes, nós de gozo, mais do que de sentido (*jouis-sens*). Esse giro articula o sintoma, o fantasma e o traumatismo da língua, uma vez que “um novo significante vem *s'intraumatizar* (*symtraumatiser*) a língua, inventando um novo uso”.¹⁴ É a esse sintoma “*sinthomatizado*” que a leitura psicanalítica contemporânea tem denominado poética; poética pulsional.

Se o sintoma comporta, além de sua face de satisfação substitutiva, “um envelope formal, limite no qual ele se reverte em efeitos de criação”, a idéia, proposta por Jacques Alain Miller, é que se “a cota de investimento se retira, resta a forma”. Por esta razão (...), e de maneira correlativa ao desinvestimento, se produz (...) uma estetização do sintoma. Ele torna-se uma finalidade sem fim – que é a definição kantiana da arte”.¹⁵

Portanto, não há nada de belo a dizer, apenas a imbricação do gozo na estrutura formal da letra e os efeitos de criação que isso produz. Esvaziado dos conceitos (fantasmas) que configuravam a sua gramática de sentido, o *sinthoma* restará reduzido a uma forma, a uma finalidade sem fim, sancionada pelo *gay savoir*.¹⁶ Em vista disso, fica claro o estorvo que as classificações podem representar para a arte, o escritor e a escritura, uma vez que elas fazem um trajeto exatamente inverso.

Enfim, a essa arte de que cada um é capaz,¹⁷ a essa poética, talvez fosse melhor denominar, como quer Alain Badiou, uma inestética!¹⁸ Bem diz dela Pessoa-Soares:

“No nevoeiro leve da manhã de meia primavera, a Baixa desperta entorpecida e o sol nasce como que lento. Há uma alegria socegada no ar com metade de frio, e a vida, ao sopro leve da brisa que não há, tiritava vagamente do frio que já passou [...] Não abriram ainda as lojas, salvas as leiterias e os cafés, mas o repouso não é de torpor, como o de domingo; é de repouso apenas. [...] nas poucas janellas abertas, altas, madrugam também aparecimentos. [...] de minuto a minuto, sensivelmente, as ruas desdesertam-se. [...] Accordo de mim e, [...] vejo que a nevoa que saíu de todo do céu [...] me entrou verdadeiramente para a alma, e ao mesmo tempo entrou para a parte de dentro de todas as coisas, que é por onde ellas teem contacto com a minha alma...”¹⁹

E ele se (es)vai, brumas ou névoa adentro... Criador de uma *coterie*, ele segue só, anunciando, no alvorecer daquele século, a nossa solidão de sujeitos contemporâneos. Esse inconsciente que amanhece em Lacan, esse despertar dos acasos em Nietzsche e essas névoas em Pessoa permanecem... e nos convidam à *poïesis*. 

¹⁴ LAURENT. Poética pulsional, p. 70-76.

¹⁵ MILLER. *El ruiseñor de Lacan. Del Edipo a la Sexuación*, p. 261.

¹⁶ SINATRA. (Rel.). *El arte del diagnostico*. Inédito.

¹⁷ LACAN. *O Seminário, livro 23: Joyce, le sinthoma*. Lição de 18/11/1975. (Inédito).

¹⁸ BADIOU. Uma tarefa filosófica: ser contemporâneo de Pessoa.

¹⁹ PESSOA. *Fragmento 87. Livro do desassossego*, p. 90-93.

SUMMARY

This paper discusses a definition of the unconscious, proposed by Jacques Lacan in 1966, and comments the return to the poetics in the contemporary publications.

KEY-WORDS

inconscious, Jacques Lacan, return to the poetics

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADIOU, Alain. Uma tarefa filosófica: ser contemporâneo de Pessoa. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.75. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.12).
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: *Joyce, le sinthoma*. Lição de 18/11/1975. (Inédito).
- LACAN, Jacques. O discurso de Baltimore. *Lacan oral*. Argentina: Xavier Bóveda Ediciones, 1983.
- LAURENT, Éric. Cidades psicanalíticas. *Virtualia*, Revista Digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana, año II, n. 8, jun./jul. 2003. (Circulação digital).
- LAURENT, Éric. Poética pulsional. *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, Belo Horizonte: IPSM-MG, ano 5, n. 8, p. 70-76, nov. 2002.
- MARTINHO, José. *Pessoa e a psicanálise*. Coimbra: Almedina, 2001. p.67-68.
- MARTINHO, José. O sintoma de Pessoa. *Falo*, Revista Brasileira do Campo Freudiano. Salvador: Fator, n.3, p.124-129, 1988.
- MARTINHO, José. Lacan com Pessoa. *Nunciis*, Courrier de l'EEP-DEVELOPPMENT, juin 2001. Hors série.
- MARTINHO, José. *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina, 2001. p.74-81.
- MILLER, Jacques-Alain. *Enseñanzas de la presentación de enfermos. Ornicar?*, Publicación del Champ Freudien, n. 3, p. 60-68, Barcelona: Barbetá del Valles, 1981.
- MILLER, Jacques-Alain. *El ruiseñor de Lacan. Del Edipo a la Sexuación*. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e ninguém*. Obras incompletas, São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 245-246. (Coleção "Os Pensadores").
- PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.31-33.
- PESSOA, Fernando. *Fragmento 87. Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982. p. 90-93.
- SINATRA, Ernesto (Rel.). *El arte del diagnostico*. Texto produzido pelo Colégio Epistemológico e Experimental de Buenos Aires, apresentado no 1º Encontro Americano do Campo Freudiano, Buenos Aires, set. 2003. Inédito.
- SOLER, Colette. *Pessoa, le sphinx. L'aventure littéraire ou la psychose inspirée – Rousseau, Joyce, Pessoa*. Paris: Editions du Champ Lacanien, 2001. (Artigo traduzido para o português por Manuel Barros da Mota e publicado em *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997, p. 253-265).